

**INTERAÇÃO GUARANI/NÃO-GUARANI: ETNOCENTRISMO
NATURALIZADO NA QUESTÃO DO SILÊNCIO INTER-TURNOS**

MARILDA C. CAVALCANTI
UNICAMP

No desenvolvimento do Projeto Guarani¹, um projeto de pesquisa-ação que tem na etnografia sua base de informação para a prática pedagógica, os membros não-Índios da equipe, que atuam como pesquisadores e como professores de português como segunda língua para seis Índios Guarani da Aldeia Morro da Saudade, periferia da cidade de São Paulo, se depararam com uma questão que permeava a interação interétnica: o silêncio dos Guarani. Este silêncio nos perturbava pois, de alguma forma, passava a impressão que havia uma certa indiferença por parte dos Índios às questões que levantávamos. Este silêncio nos incomodava, por exemplo, nas reuniões de avaliação do desenvolvimento do projeto, reuniões estas parte da proposta de pesquisa-ação que prevê avaliações frequentes e mudanças de encaminhamento com base em decisões tomadas pelo grupo.

É importante observar que o cronograma do Projeto previu uma preparação da equipe para o trabalho de campo, uma vez que nem todos os participantes haviam tido experiência de campo interétnica (indígena) anterior.

Essa preparação para entrada no campo levou cerca de quatro meses. Nesse período, ao mesmo tempo que nos preparávamos para o trabalho etnográfico, fazíamos, com assessoria sociolinguística, as leituras básicas (vide, por exemplo, Schaden, 1962) sobre a nação com a qual trabalharíamos, conversávamos com pessoas com experiência de campo com os Guarani, e fazíamos os contatos de consultoria (antropológica, matemática, e linguística) para o Projeto. Teoricamente tínhamos várias informações, incluindo a questão do silêncio prolongado na interação. Entretanto, nossa entrada no campo de uma certa maneira parece ter apagado qualquer informação anterior. Era necessário trabalhar o "aqui e agora" e isso parecia diferente do que havíamos discutido e lido anteriormente, princi-

palmente no que se refere às diferenças culturais. Na urgência² de se resolver os problemas da pesquisa e principalmente da ação (o trabalho pedagógico), começamos a observar a predominância de nossos padrões culturais principalmente nas situações que potencialmente geravam conflito. Explicamos essa imposição de padrões culturais como um etnocentrismo "naturalizado"³ (vide Fairclough, 1985) que acreditávamos ter "desnaturalizado" ("desmascarado", segundo, Kleiman et al., a sair) neste trabalho inicial de preparação para o campo. Por etnocentrismo naturalizado, entendemos que inconscientemente queríamos que prevalecesse o nosso padrão temporal de silêncio inter e intra-turnos assim como queríamos que prevalecesse, por exemplo, a nossa verdade e o nosso espaço físico. Pela desnaturalização do etnocentrismo passava a questão da interação que queríamos simétrica. Foi como decorrência dessa situação contraditória, onde o silêncio se revelava como ponto de conflito potencial, que nossa interação transcultural e interétnica se tornou foco de análise.

O foco deste artigo é o silêncio inter-turnos nas interações entre não-Índios (pesquisadores/professores) e Índios Guarani (alunos e potencialmente líderes/professores) em um tipo de interação interétnica intencionalmente simétrica. O artigo, que é uma reflexão exploratória uma vez que a análise dos dados está em andamento, está organizado em duas partes. A primeira discute brevemente a questão do silêncio dentro da perspectiva⁴ da etnografia da comunicação (Saville-Troike, 1985) e análise conversacional (Tannen, 1985). A segunda focaliza a interação interétnica Guarani/não-Guarani (Índio/não-Índio). O artigo foi desenvolvido como parte de levantamento de subsídios para a formação⁵ do professor Índio.

Alguns estudos sobre o silêncio

Saville-Troike & Tannen (1985:xi) apontam que o "silêncio é um componente da comunicação humana negligenciado [na pesquisa]", "um fenômeno não consciente". Além disso, indicam que a pesquisa tem focalizado quase que exclusivamente a interação estruturada pela fala ao invés de interações estruturadas pelo silêncio (op. cit.:xvi).

Tannen (1985:93) afirma que há duas visões conflitantes do silêncio: uma positiva e outra negativa. Em algumas culturas (por exemplo, no maiorquinos de origem judia), o silêncio parece ter "um valor negativo em muitos contextos comunicativos". O silêncio será visto como positivo quando é evidência de respeito, por exemplo, e, como negativo, quando é evidência de desaprovação, por exemplo.

Saville-Troike⁶ (1985:4) vê o silêncio como uma "unidade de dimensões e estruturas complexas" assim como a fala. Para a autora, de-

ve-se distinguir o silêncio que serve para estruturar a comunicação, mas não é um ato comunicativo e nem um fenômeno interveniente dentro de ou entre atos comunicativos.

Tal silêncio não apenas estrutura a comunicação mas - como uma parte integral do arcabouço cultural de uma comunidade de fala - também serve para organizar e regular as relações sociais.

Ainda segundo a autora (op. cit.:10), tanto os "sons do silêncio" quanto os "sons da fala" são de natureza simbólica, sendo o significado do silêncio derivado por convenção dentro de comunidades de fala. Isto explicaria a ocorrência de alguns desentendimentos transculturais. Tais desentendimentos podem ser decorrentes, por exemplo, do padrão temporal do silêncio na tomada de turnos quando o período de silêncio entre perguntas e respostas, evento característico, por exemplo, da situação potencialmente assimétrica do contexto escolar, vai além do limite de tolerância do interlocutor. Saville-Troike (op. cit.:13) ilustra este aspecto referindo-se às interações entre Navajos e não-Navajos no contexto escolar. Erickson (comunicação pessoal e 1982) confirma esse padrão temporal de silêncio em trabalho de pesquisa realizado em escola de reserva indígena no Canadá. O que chama a atenção nessa pesquisa é a interação intraétnica (professora e alunos) onde perguntas não são imediata e necessariamente seguidas de respostas verbais. Philips (1976) relata que membros da comunidade indígena de Warm Springs podem ficar em silêncio, ou dar uma resposta mais tarde, sem violar nenhuma regra de polidez se recebem um elogio, pedido, ou convite. Sobre este mesmo grupo, Philips (1972) afirma que as atividades da comunidade são abertas e jamais organizadas ou dominadas por um só indivíduo. Os alunos índios não podem aceitar, portanto, que o professor (ou professora) tenha um status diferenciado. Bachmann et al (1981:198) comentando este estudo de Philips acrescentam que os alunos índios consideram mais importante a fala de seus colegas do que a do professor. Suas normas de interação provenientes de seu meio cultural e étnico deveriam, portanto, ser respeitadas. E esse respeito é, a nosso ver, particularmente importante em escolas preocupadas em promover o bilingüismo, o bidialetalismo e o biculturalismo.

O Silêncio na Interação Interétnica Guarani-não-Guarani

A nossa comunicação interétnica como foco de análise mostra como lidamos com a questão do silêncio. É verdade que trabalhamos nos-

so etnocentrismo em antevisão às diferenças culturais. Esse trabalho, no entanto, não se concretizou, a princípio, na prática, onde muitas vezes apesar de nossa monitoração, revelava-se a assimetria na interação. O que queremos sinalizar é a distância existente entre o que se diz e o que se faz, entre o que se aceita quando se lê a literatura especializada e o que realmente acontece no dia-a-dia da interação interétnica. A dificuldade que encontramos de fazer face ao silêncio dos Guarani ilustra a força de nosso etnocentrismo nesse tipo de interação. Para exemplificar, apresentamos a seguir um trecho de transcrição das gravações iniciais e um episódio reconstruído a partir de anotações de campo e diário.

Ao ouvir as fitas áudio que gravamos em nossas primeiras idas ao campo, não se ouve nenhuma voz Guarani. Só se ouve a nossa voz. Não há espaços de silêncio. Preenchemos todos uma vez que o silêncio nos incomodava. Se os índios demoravam a responder, e na visão de nosso etnocentrismo sempre demoravam, ocupávamos os espaços com nossa fala. Abaixo transcrevemos um minuto e meio de uma reunião realizada entre dois pesquisadores (P1 e P2) e os jovens Guarani (I1, ou seja, somente um dos que estavam presentes fala nesta interação) no segundo dia da primeira ida à aldeia para dar início ao projeto:

(...)

P2: *Vocês mais ou menos lembram o que é que a gente conversou ontem um pouco (5'') O que que vocês já viram que foi conversado ontem (5'')*

I1: *Do que?*

P2: *Por exemplo, assim, ontem a gente ficou conversando (inaudível) lá embaixo, né*

I1: *Uhn, uhn.*

P2: *E daí ah (2'') vocês é - já deu tempo de vocês fazerem algumas observações - que é isso que ela [P1] tá falando ficar olhando umas coisas, olhando como as crianças brincam, não sei...*

I1: *Uhn, uhn.*

P2: *De ontem pra hoje, 'ceis já viram que é diferente gente - porque que nem ela [P1]' tava falando, a gente sabe fazer, mas de tanto que a gente faz a gente*

I1: *[nem
não lembra*

P2: *nem liga, acha que é assim mesmo. E a hora que a gente vê devagar, é diferente...*

P1: *Noossa é assim e a gente nunca nem percebeu que tá tão acostumado. (2'')
Uma das coisas que a gente vai precisá sabê (2'') ah*

I1: *Sobre a organização?*

P1: Essa ... sobre a organização. Vamos falá um pouquinho/desse universo infantil, desse mundo da criança. Como é que essa criança (1'') (inaudível) Por exemplo, brincadeira, né. Com o é que a criança Guarani brinca. (1'') Porque - E isso não é porque eu quero sabê não. É porque depois na hora da escola

II: ahã

P1: se você vai fazê um joguinho pra aprendê português (.) é muito mais legal fazer um joguinho que você sabe que a criança vai gostá, que ela vai curtir, que ela vai - do que a gente trazê um jogo lá da escola do branco pra cá que a criança [vai

P2: vai achá tudo sem graça

P1: sem graça. Aí teu aluno vai embora, né. (...)

As pausas existentes do lado não Guarani duram entre 1'' a 5'' e somente ocorrem intra-turnos. Talvez antevendo o silêncio inter-turnos, observa-se que os membros não índios da equipe parecem apresentar uma tendência a falar continuamente nessa interação interétnica, não deixando espaço livre para os jovens Guarani se expressarem.

Passados cinco meses de interação transcultural na pesquisa-ação, havíamos construído uma familiaridade com o padrão temporal do silêncio dos Guarani que, nas interações gravadas que analisamos até o momento, pode ir dos 5'' a 25'' inter-turnos, por exemplo, entre uma pergunta do não-Guarani e uma resposta do Guarani. Contudo, quando acreditamos que já havíamos desenvolvido "uma tolerância mínima pelo silêncio" (Saville-Troike, op. cit.), ou seja, quando nas gravações estão registradas esperas pelo final do silêncio sem preenchimento com nossa fala, aconteceu o episódio que relatamos a seguir.

Em uma reunião de avaliação que tivemos quando os jovens Guarani estiveram na UNICAMP para uma semana intensiva de atividades, perguntamos a opinião deles sobre as atividades da semana. Silêncio. Permanecemos à espera. Eventualmente eles começaram a conversar (com falas sobrepostas) em Guarani. Depois de um tempo, um deles levantou-se e falou como porta-voz de todos. Tudo estaria bem se um de nós não tivesse daí insistido que eles deveriam falar um de cada vez para que soubéssemos a opinião de cada um, criando uma nova situação de silêncio desta vez com valor negativo (vide Tannen, op. cit.) de conflito potencial, somente amenizado com a afirmação de um participante não-índio de que a opinião dos jovens já havia sido emitida, e a confirmação da emissão de opinião por um participante índio. Parâmetros diferentes entre dois grupos étnicos diferentes. Nosso opinar (assim como nosso saber) parece ser individualizado, a palavra dada a um de cada vez até que todos tenham

falado. Para eles o opinar (e o saber) parece ser coletivo⁷, consensual, a palavra dada a um porta-voz.

No exemplo acima a interação do som, do silêncio e do movimento de quem fica silente e de quem gera o som aparece como aspecto de dimensões salientes da expressão (vide Saville-Troike, op. cit.:8). A interação interétnica do episódio relatado caracteriza-se, de um lado, pelo padrão temporal do silêncio, pelas línguas utilizadas (português e Guaraní), pela figura do porta-voz e pelo movimento (quem fala como porta-voz se levanta), e do outro lado, pelo respeito ao padrão temporal, às línguas utilizadas, e pela estranheza ao movimento da fala única. Nosso etnocentrismo desnaturalizado em relação ao silêncio revelava então outras questões a serem desnaturalizadas.

Na interação interétnica que vivenciamos no dia-a-dia da pesquisa, nosso etnocentrismo naturalizado não se referia somente ao silêncio. Esta questão foi importante para chamar nossa atenção para outras questões que pareciam estar encobertas pela ameaça que o silêncio parecia representar. Uma destas questões, por exemplo, é o tempo relacionado às datas que marcamos para aulas e reuniões. Parece ser sempre uma eterna espera. E para nós isso, assim como o silêncio, representava, no início, pouco caso e, às vezes, até levava a interpretações errôneas. Na verdade, já não marcamos mais hora, marcamos o dia e mesmo assim pode ser que as atividades não aconteçam. Hoje nossas idas à aldeia são pautadas pela tranqüilidade em relação ao resultado: a ocorrência ou não de uma reunião ou aula, a espera inevitável pela chegada ou pelo agrupamento dos jovens, o trabalho pedagógico realizado até que eles sinalizem cansaço. Isso significa apenas que reconhecemos que tudo tem seu tempo de começar e de acontecer entre os Guaraní. É, no entanto, sempre difícil lembrar disso quando a interação interétnica se desenrola em português mesmo que estejamos em território Guaraní, o que ocorre na maioria⁸ das vezes. Sem dúvida, o fato de não nos afastarmos de nossas atividades acadêmicas por mais do que dois ou três dias de cada vez não nos deixa imergir nessa cultura tão diferente da nossa. Nessa interação interétnica freqüente e intensiva, há um aprendizado constante de nossa parte. Praticase a tolerância ao mesmo tempo que se caminha (vagarosamente) em direção ao trabalho de desnaturalização do etnocentrismo não desejado, superficializado na assimetria caracterizadora de vários momentos de nossa interação interétnica, que muitas vezes é detectado através de observação ou de gravações em áudio.

Para nós, a princípio, ou seja, nos momentos em que resolver os problemas mais urgentes era o que interessava, o silêncio parecia denotar ausência ou indiferença na interação interétnica, apesar de o silêncio

ser também parte da nossa interação intraétnica⁹. Nesses momentos, não havia a tranqüilidade necessária para observar a situação como espectadores. Éramos, afinal, os atores envolvidos na cena. Fazia-se necessário o tempo para reflexão e análise da nossa prática.

Considerações Finais

Nosso etnocentrismo, mesmo trabalhado em antevisão ao que seria a interação que construiríamos interétnicamente dadas as diferenças culturais, foi sempre muito forte e como tal se tornou foco de nossa própria análise. O Projeto caminha agora para a análise da construção do discurso em contexto pedagógico (nas atividades pedagógicas propriamente ditas e nas reuniões de avaliação) e interétnico. Esse estudo terá importância para o levantamento de subsídios para cursos de formação do professor do professor Índio, principalmente no que se refere ao branco trabalhando com o professor Índio.

As questões aqui levantadas tem importância não só para a educação indígena mas também para a educação bidialetal que caracteriza uma grande maioria das escolas da rede pública no Brasil. Quando se fala aqui em educação bilíngue e bidialetal, está-se pensando na formação do professor que experienciará interações interétnicas na sala de aula e nos formadores de professores que também experienciarão esse tipo de interação com alunos-professores.

Acreditamos agora ter desenvolvido um grau razoável de tolerância para a interação interétnica. Não é, porém novidade detectarmos momentos de deslize quando, por exemplo, nos perguntamos: Por que é que nós temos que mudar? E nosso etnocentrismo em processo de desnaturalização responde: Porque não nós? Qual o problema? É a dificuldade de acatar as regras de uma minoria étnica que vem sobrevivendo ao contato com o branco desde 1500?

NOTAS

1. O projeto Guarani: Educação Indígena Bilingüe-Bicultural (Currículo e Formação do Professor Índio) tem como objetivo documentar e analisar a formação de professores Índios e o desenvolvimento do currículo escolar em seu contexto sociolinguístico. A equipe do Projeto é interdisciplinar e conta com nove membros das seguintes áreas de atuação: lingüística aplicada (4), lingüística (2), educação (2), e etnomatemática (1). A equipe inclui também seis jovens Guarani. (Projeto financiado pelo CNPq).

2. Essa urgência se revelou semelhante àquela encontrada pelo professor no dia-a-dia da sala de aula.
3. Fairclough (op. cit.:739) faz referência às ideologias naturalizadas, ou seja, aceitas como "senso comum não ideológico". Por extensão, estamos aqui nos referindo a etnocentrismo naturalizado.
4. O silêncio é estudado em outras perspectivas como, por exemplo, a discursiva (vide Orlandi, E.P. *A Linguagem e seu Funcionamento*. Pontes, 1987).
5. A formação de professores geralmente é conduzida pelo não-Índio nos projetos de educação indígena de que se tem conhecimento no Brasil.
6. Saville-Troike (op. cit.:16) propõe uma classificação ampla para o silêncio na interação considerando o silêncio a) determinado institucionalmente, b) determinado pelo grupo, e c) determinado/negociado individualmente. Acreditamos que o conflito que apontamos na seção seguinte em nossa interação interétnica se deva à nossa expectativa de que c) estivesse ocorrendo quando, na verdade, o silêncio estava sendo determinado pelo grupo (b).
7. Nesse opinar e saber coletivizado não se aponta, por exemplo, um aluno para responder uma pergunta em sala de aula (vide Erickson, 1986) como acontece na escola do branco.
8. Os jovens Guarani vieram a UNICAMP somente duas vezes em dois anos de Projeto.
9. Nos dados apresentados anteriormente onde padrões culturais não Guarani são preservados, nota-se a ocorrência de silêncios com duração de até 5".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHMANN, C., LINDENFELD, J. & SIMONIN, J. *Language et Communications Sociales*. Paris: Hatier-Credif, 1981.
- BASSO, K. *To give up on words: Silence in Western Apache culture* in P.P. Gigglioli (org.) *Language and Social Context*. New York: Penguin, 1970.
- CAVALCANTI, M.C. & MAHER, T.M. *Interação transcultural: a formação do professor Índio*. Texto preparado para apresentação na reunião do Grupo de Trabalho de Lingüística Aplicada ANPOLL, UFRJ, 26-27/09/91.
- CAVALCANTI, M.C. Relatório do Projeto Guarani. Manuscrito elaborado para ser enviado ao CNPq. 1991.

- ERICKSON, F. *Qualitative methods in research on teaching* in M.C. Wittrock (org.) *Handbook of Research in Teaching*. New York: Macmillan, 1986.
- ERICKSON, F. & MOHATT, G. *Cultural organization of participation structures in two classrooms of indian students*, in G. Spindler (org.) *Doing the Ethnography of Schooling*. New York: Holt, Rinehart, & Winston, 1982.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical and descriptive goals in discourse analysis*. *Journal of Pragmatics*, 1985:739-763.
- KLEIMAN, A.B., CAVALCANTI, M.C. & BORTONI, S.M. *Considerações sobre o ensino crítico de língua materna*. *Anais da IX ALFAL* (a sair).
- PHILIPS, S.U. *Some sources of cultural variability in the regulation of talk*. *Language in Society*, 5/1, 1976: 81-95.
- Projeto Guarani: Educação Bilingüe e Bicultural (Curriculum e Formação do Professor Índio). DLA/IEL/UNICAMP (mimeo).
- SAVILLE-TROIKE, M. & TANNEN, D. *Introduction* in M. Saville-Troike & D. Tannen (orgs.) *Perspectives on Silence*. Norwood, N.J.: ALEX, 1985.
- SAVILLE-TROIKE, M. *The place of silence in an integrated theory of communication* in M. Saville-Troike & D. Tannen, 1985.
- SAVILLE-TROIKE, M. *The Ethnography of Communication: An Introduction*. Oxford: Basil Blackwell, 1989 (2ª edição).
- SCHADEN, E. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. São Paulo: Divisão Européia do Livro, 1962.
- TANNEN, D. *Silence: Anything but* in M. Saville-Troike & D. Tannen, 1985.